

O SUJEITO NEURÓTICO ESTÁ FADADO AO FRACASSO DA SUBLIMAÇÃO

Data de aceite: 02/09/2024

Ezequiel Martins Ferreira

<http://lattes.cnpq.br/4682398500800654>

1. Texto produzido a partir de fragmentos da transcrição da aula do dia 23 de agosto de 2024, do curso de leitura do Seminário, livro 16 de Jacques Lacan.

Eu gostaria de começar com uma frase que resume o que acho importante destacar hoje, e que é uma frase de Jacques Lacan. Ele diz: “O sujeito, como neurótico, está fadado ao fracasso da sublimação”.

Importante começar com essa frase, pois temos uma ideia de que a sublimação é o conceito mais distante da clínica. E, quando se fala de sublimação, se fala da arte, se fala da estética e isso parece que não tem qualquer relação a clínica. Mas Lacan aponta essa relação, do aspecto que nos interessa que é o aspecto do que acontece na experiência analítica, em seu seminário. Mais especificamente n’O seminário, livro 16 *De um Outro ao outro*.

Para contextualizar, como foi o desenvolvimento, ao longo da construção da psicanálise, do conceito de sublimação?

O conceito de sublimação surge em Freud, bem no início, quando ele está pensando exatamente as produções humanas, e nesse ponto, Freud vai falar de sublimação, muito relacionado a algumas figuras ilustres, principalmente ao Leonardo da Vinci, ao Michelangelo, etc. E aponta o conceito para destacar como a sublimação ocupava a vida dessas pessoas, como uma forma de gozo.

Freud vai trabalhar muito nessa noção vinculando aos produtos que esses artistas produzem como objetos sublimatórios. A primeira perspectiva de sublimação virá pela via de objetos sublimatórios, obras de arte, como uma pintura, uma escultura, uma música, uma peça de teatro.

Teorizando a sublimação, principalmente no texto sobre Leonardo da Vinci, Freud coloca a sublimação em uma relação com a pulsão. Então, na sublimação, a pulsão vai para algum lugar.

Ela atinge algum objetivo. No entanto, diferente do destino original da pulsão, que é um destino sexual, na sublimação, esse destino é elevado a outro lugar. E dessa forma, temos a partir da sublimação uma mudança no objetivo, no objetivo da pulsão. Pela sublimação, desviando da função sexual, aquela pulsão pode se realizar.

Tendo feito essa pequena definição, retornemos à Lacan que, nesse momento, deixa a obra de Arte um pouco de lado para pensar a sublimação na relação com a experiência analítica. E para pensar a sublimação na relação com a experiência analítica, a gente precisa fazer uma relação da sublimação com o outro, o outro do título do seminário.

Então, como a sublimação se vê atrelada ao outro? ao objeto a? Lacan vai dar uma resposta muito simples de que essa relação é estabelecida a partir, do que a gente tem como narcisismo, a partir do que a gente tem como idealização. É a partir do estabelecimento de uma idealização que eu consigo fazer com que a pulsão se realize, alterando o seu destino sexual. Há um ideal inalcançável social. Um ideal que guardaria esse sexual em outro lugar.

Para pensar nisso acho importante pensarmos no início da vida. A primeira aposta sublimatória que temos na obra de Freud é aquele período de latência em que aparece uma curiosidade sobre o sexo. Uma curiosidade sobre saber sobre o sexo. Nessa curiosidade em saber, o objetivo sexual é alterado. Eu não quero praticar, eu quero saber. No lugar do ato repousa a obtenção de conhecimento.

É por essa capacidade de fazer algo idealizado e que a ação do objetivo sexual ceda lugar a um outro que não seja da relação sexual, que a sublimação pode ter uma certa relação com o objeto a. Para isso Lacan utiliza a ideia do amor cortês.

O que que é o amor cortês pela Lacan. É n' *O seminário, livro sete* que Lacan trabalha bastante essa ideia de amor cortês como aquele amor dos travadores, que produziam músicas e mais músicas em torno de um objeto amado, em torno de um objeto quase adorado. E, de certa forma, despersonalizado. Afinal, a musa das grandes canções de amor não existe. A musa das grandes canções de amor é idealizada. E nessa idealização ela perde a consistência enquanto ser. E nisso ele vai dizer exatamente que o amor cortês é uma espécie de sublimação. Por mais que toda essa relação do amor cortês parece uma preliminar para o ato sexual, para um vívido relacionamento, para um envolvimento com o outro, as características básicas do amor cortês se colocam como se o outro fosse elevado a uma outra esfera, a um outro plano.

O que o amor cortês propõe é ao “então eu vou te amar”, “seremos um”. É toda essa coisa do próprio amor. Toda essa fantasia, do próprio amor. Nesse imbricado que é a proposta de “vamos nos tornar um”. Mas não vamos nos tornar um pelo ato sexual, porque a gente sabe que isso não dá, mas vamos nos tornar um a partir dessa idealização. Um a partir dessa construção imaginária de que é possível por vias de um discurso, por vias disso que é fabricado, que é o amor de nos tornarmos uma unidade só.

Pensar o amor como uma espécie de sublimação, se faz pela via de acesso do imaginário, do narcisismo, naquilo que Lacan coloca como uma relação especular, a relação do estádio do espelho do “Eu e o outro somos semelhantes”. Nessa perspectiva eu te amo não por quem você é, mas eu te amo pela imagem que eu produzo a partir da visualização de você que eu cubro com. Fantasia. Já dizia Rubem Alves “amamos a pessoa, não por aquilo que ela é, mas pelo manto de fantasia com que a cobrimos”. É exatamente isso que é a sublimação. Sublimação pela via do amor é fazer todo esse movimento em relação ao outro, em relação a essa imagem do outro.

É nisso que a sublimação tem a ver com a clínica, na medida em que o que fazemos da nossa vida tem essa dimensão dessa relação imaginária. As nossas relações, antes de se tornar relações, passa por isso, por essa construção identificatória.

Uma segunda vertente da sublimação, é essa em uma relação com aquilo que é desempenhado pelo objeto a. Lembrando que o objeto a é esse que colocamos como causa de desejo. É esse furo que o real faz. É esse furo que impede que eu e o outro nos tornemos um. O objeto a é esse furo que torna impossível essa união fantasiosa que o amor propõe. E a partir dessa função, desse objeto a que vou extrair as consequências da sublimação na clínica, a partir desse ponto em que ela se coloca como um fracasso, nesse sentido em que a pulsão mira na sua realização sexual, e a sublimação, para conseguiu fazer, altera o objetivo final dizendo “Você pode se realizar desde que você abdique de que o objetivo sexual seja cumprido”.

Então pensar a sublimação como um objeto da clínica é pensar exatamente em: Como se procede essas capturas imaginárias na nossa construção? Que efeitos essas capturas causam na medida em elas tocam real?. Que efeitos esse furo tem?

É por ter uma função que esse furo aparece na clínica. Esse furo é o motivo pelo qual a gente queixa. Então pegamos a sublimação desse ponto de vista por aquilo que a sublimação se coloca enquanto fracasso. E a sublimação só fracassa por conta dessa bolhazinha. Desse furo que é o objeto a. Na mesma medida em que é por conta da relação com ela que é possível pensar a função da sublimação na clínica, é por conta desse furo que a sublimação, enquanto uma proposta idealizada, não se cumpre, não se realiza.

A realização plena da pulsão sempre vai ser impedida. Em alguns momentos, podemos ver a sublimação como o objetivo da análise. Então, o objetivo da análise é que o sujeito consiga sublimar. Em vez dessa pulsão causar um sintoma, ela pode, no meio do processo alterar seu objetivo sexual e se realizar, mas esse processo é inconsciente. E mesmo sublimada a pulsão, a coisa ainda vai ser furada, a falta ainda vai existir.

E aí eu volto para a frase que eu iniciei: “O sujeito, como neurótico, [ou seja, o sujeito como esse que vai tentar se realizar pela fantasia. O sujeito como esse coitado, que não tem coragem de realizar, de ir até o ato, mas é não ter coragem, porque também é impossível] está fadado ao fracasso da sublimação [ele está fadado a tentar sublimar ou só conseguir se realizar pelo fracasso que a sublimação propõe]”.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. *O amor que acende a lua*. Campinas: Papyrus, 2003.

LACAN, Jacques. (1959 – 60) *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

LACAN, Jacques. (1968-69). *Seminário, livro 16: De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.